

CUIDADO É FUNDAMENTAL

Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – UNIRIO

PESQUISA

DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v14.10024

GRUPO DE APOIO/SUPORTE COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO AOS USUÁRIOS DE DROGAS

*Support / support group as care strategy for drug users**Grupo de apoyo / estrategia de apoyo como atención para usuarios de drogas***Geórgia Araújo Salviano Frota¹** **Keila Maria Carvalho Martins²** **Francisco Freitas Gurgel Júnior²** **Francisca Alanny Rocha Aguiar²** **João Víctor Lira Dourado³** 

RESUMO

Objetivo: descrever encontros desenvolvidos com os usuários bem como a contribuição do grupo de apoio/suporte.**Método:** estudo descritivo com abordagem qualitativa com enfoque na pesquisa-ação, realizado Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas localizado em município de médio porte da região norte do Estado do Ceará, Brasil.**Resultados:** participaram do estudo sete usuários cadastrados no serviço de saúde. Desenvolveu-se durante o período de janeiro e março de 2015, encontros de forma coletiva, nas dependências do serviço de saúde como também de maneira externa, com duração em média de duas horas. Da análise das informações, elaborou-se duas categorias: Descrevendo os encontros grupais com os usuários e Significados dos encontros grupais para os usuários. **Conclusão:** a abordagem grupal configura-se como importante estratégia de assistência aos usuários de drogas.**DESCRITORES:** Usuários de drogas; Promoção da saúde; Atenção à saúde; Pessoal de saúde; Serviços de saúde.

¹Centro de Atenção Psicossocial de Amontada, Amontada, CE, Brasil.

²Centro Universitário INTA, Sobral, CE, Brasil.

³Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.

Recebido em: 09/05/2020; Aceito em: 31/10/2020; Publicado em: 03/02/2022

Autor correspondente: Keila Maria Carvalho Martins, E-mail: keilamcm@gmail.com

Como citar este artigo: Frota GAS, Martins KMC, Gurgel Júnior FF, Aguiar FAR, Dourado JVL. Grupo de apoio/suporte como estratégia de cuidado aos usuários de drogas. *R Pesq Cuid Fundam* [Internet]. 2022 [acesso ano mês dia];14:e10024. Disponível em:

<https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v14.10024>



ABSTRACT

Objective: to describe meetings developed with users as well as the contribution of the support group. Method: a descriptive study with a qualitative approach focusing on action research, conducted at the Psychosocial Care Center for Alcohol and other Drugs located in a medium-sized municipality in the northern region of the State of Ceará, Brazil. **Results:** seven users registered in the health service participated in the study. During the period of January and March 2015, meetings were held collectively, on the premises of the health service as well as externally, with an average duration of two hours. From the analysis of the information, two categories were elaborated: Describing group meetings with users and Meanings of group meetings for users.

Conclusion: the group approach is an important assistance strategy for drug users.

DESCRIPTORS: Drug users; Health promotion; Health care (public health); Health personnel; Health services.

RESUMEN

Objetivo: describir las reuniones desarrolladas con los usuarios, así como la contribución del grupo de apoyo. **Método:** un estudio descriptivo con un enfoque cualitativo centrado en la investigación de acción, llevado a cabo en el Centro de Atención Psicosocial para el Alcohol y otras Drogas ubicado en un municipio de tamaño mediano en la región norte del Estado de Ceará, Brasil. **Resultados:** siete usuarios registrados en el servicio de salud participaron en el estudio. Durante el período de enero y marzo de 2015, las reuniones se llevaron a cabo colectivamente, en las instalaciones del servicio de salud y externamente, con una duración promedio de dos horas. A partir del análisis de la información, se elaboraron dos categorías: Describir las reuniones grupales con los usuarios y los significados de las reuniones grupales para los usuarios. **Conclusión:** el enfoque grupal es una estrategia de asistencia importante para los usuarios de drogas.

DESCRIPTORES: Consumidores de drogas; Promoción de la salud; Atención a la salud; Personal de salud; Servicios de salud.

INTRODUÇÃO

O movimento da Reforma Sanitária, que surgiu na década de 70 pela busca da redemocratização, possui uma ligação direta com as atuais políticas de saúde mental, desenvolvidas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), que geraram o movimento de Reforma Psiquiátrica no Brasil. Este processo sociopolítico oportunizou intensas mudanças na atenção à saúde mental entre as últimas três décadas.¹

Deste modo, instituiu-se a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) a partir da Portaria nº 3.088, que oportuniza uma nova dimensão ao conjunto das ações em saúde mental no SUS, com a garantia da articulação dos serviços de atenção à saúde no território, qualificando o cuidado por meio do acolhimento, acompanhamento contínuo e atenção às urgências à atenção psicossocial da população com transtornos mentais e com necessidades de cuidado decorrentes do uso de drogas.²

No mundo, estima-se que 271 milhões de pessoas entre 15 e 64 anos usaram pelo menos uma vez droga no ano anterior, isto representando 5,5% da população, uma em cada 18 pessoas. E, cerca de 35 milhões sofrem com distúrbios pelo uso de drogas, sendo a *cannabis* a droga de mais adeptos.³

No Brasil, a dependência de alguma substância, exceto álcool e tabaco, nos últimos 12 meses foi mais frequente entre os indivíduos de 25 a 34 anos (1,6%), sendo que dos 1,2 milhões de dependentes, 517 mil encontram-se nesse grupo etário. Destes, aproximadamente 38 mil dependentes são adolescentes (12 a 17 anos) e aproximadamente 117 mil estão entre 55 e 65 anos.⁴

Nesta perspectiva, esses indivíduos conglomeram uma população de risco, tornando-se um desafio para os serviços de saúde, tanto para o tratamento como para a elaboração de políticas públicas.⁵ Assim, o tratamento necessita envolver uma atenção

biopsicossocial, com foco nos contextos que estão relacionados ao uso da droga e não somente ao nível orgânico e psíquico.⁶

Desta forma, diferente da psiquiatria tradicional, o Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas (CAPSad) aparece como um serviço pioneiro, em que busca promover a cidadania. Instituído no ano de 2002, este serviço foi desenvolvido para realizar atendimentos individuais, em grupos, oficinas terapêuticas, atendimentos domiciliares bem como assistência a família, e a realização de atividades comunitárias.⁷

Sendo um serviço de base comunitária, busca ofertar ações com foco na promoção à saúde numa perspectiva de colaboração interprofissional, para além do tratamento clínico farmacológico, centrado na reinserção social, atuação na comunidade e substituição dos antigos manicômios. Para isso, tem se tornado imperativo o emprego de estratégias tanto coletivas de cuidado como individual de forma multiprofissional para um maior entendimento do contexto em que os usuários encontram-se postos.⁸

Dentre as distintas ações desenvolvidas no CAPSad com uma abordagem temática acerca do álcool e outras drogas, o grupo se constitui como recurso terapêutico no contexto de cuidado, sendo regulamentado pela portaria n. 224/1992 e atualizado pela portaria 336/2002 nas modalidades de psicoterapia de grupo, grupos operativos, atividades de suporte social e oficinas terapêuticas.⁹

Deste modo, enquanto potência dentre as estratégias de cuidado, as atividades grupais são consideradas como uma das principais formas de tratamento, objetivando a integração do serviço e do usuário com a família e a comunidade.¹⁰ O grupo de apoio/suporte destinado aos usuários de álcool e outras drogas, destaca-se como possibilidade de espaço para informações, opiniões, encorajamento, compartilhamento e apoio.¹¹

Frente ao que se apresenta, o estudo tem como fio condutor o seguinte questionamento: Qual a contribuição do grupo de apoio/

suporte a usuários de drogas de um CAPSad? Para tal, o presente estudo objetiva descrever os encontros desenvolvidos com os usuários bem como a contribuição do grupo de apoio/suporte.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa com enfoque na pesquisa-ação, realizado em CAPSad localizado em município de médio porte da região norte do Estado do Ceará, Brasil.

O referido CAPSad oferece atenção psicossocial aos usuários de álcool e outras drogas e familiares, além de outras atividades preconizadas pelas políticas públicas, com acompanhamento de uma equipe multiprofissional. Este funciona diariamente nos turnos da manhã e tarde, contudo, oferece horários especiais no período da noite.

Assim sendo, para a realização do presente estudo compareceu-se aos encontros de um grupo terapêutico existente denominado Interação Ativa (IA) do CAPSad, apresentou-se a proposta aos usuários e, por meio de convite formal solicitou a participação voluntária.

Selecionaram-se para participar do estudo sete usuários. Como critérios de inclusão: ser maior de 18 anos de idade, usuários de substâncias psicoativas e frequentar regularmente os encontros. Quanto aos critérios de exclusão: sob o uso de substâncias psicoativas e que não estivesse orientado ao tempo e espaço.

Desenvolveu-se durante o período de janeiro e março de 2015, os encontros de forma coletiva com os usuários, nas dependências do serviço de saúde como também de maneira externa, com duração em média de duas horas e meia cada e conduzido pela autora principal com apoio da equipe da unidade de saúde e de estudantes da Residência Multiprofissional em Saúde Mental. Para tanto, considerando o tipo de estudo utilizado, fez-se imperativo seguir quatro fases: I) Exploratória; II) Principal; III) Ação; e IV) Avaliação.¹²

Na fase exploratória, por meio de um primeiro encontro, buscou-se conhecer os integrantes por meio de uma breve exposição, estabelecer junto aos participantes normas para uma convivência harmoniosa e coletar informações acerca das necessidades individuais e coletivas, mediante um questionário que continha perguntas fechadas acerca do perfil sociodemográfico, aspectos cognitivos e emocionais e perguntas abertas sobre os interesses e as dificuldades relacionadas as questões sociais, pessoais e profissionais.

Na fase principal, destinou-se elaborar propostas para as intervenções grupais tendo como base as necessidades levantadas anteriormente, mediante encontros paralelos da equipe com os usuários.

Na fase da ação, realizou-se através de cinco encontros, atividades grupais sob emprego de diferentes temáticas intrínsecas a realidade dos usuários, fundamentadas na tecnologia de grupo de apoio/suporte,¹¹ caracterizada como ferramenta assistencial utilizada pelos profissionais da saúde com objetivo terapêutico e de cuidado.

Na fase da avaliação, aplicou-se no último encontro entrevista individualmente, no espaço reservado no serviço de saúde, para a garantia da privacidade e anonimato e como forma de avaliar os resultados dos encontros. Para tanto, utilizou-se de um instrumento composto por perguntas abertas quanto a contribuição dos encontros grupais.

Todos estes momentos foram registrados em áudio com auxílio de um gravador eletrônico, mediante a autorização dos participantes. No entanto, para os encontros grupais, utilizou-se ainda de um diário de campo para realizar anotações sobre as observações diretas.

Para analisar as informações, realizou-se uma leitura vertical dos áudios e das anotações, agrupando de forma coletiva e reconhecendo o conteúdo global e, posteriormente procedeu-se para uma leitura horizontal, destacando e codificando aspectos significativos.¹³ Enquanto para as entrevistas, empregou-se da Análise Temática,¹⁴ operacionalmente, composta por três etapas, a saber: Pré-análise; Exploração do material; e Tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Para garantir o anonimato dos participantes da pesquisa, os fragmentos dos depoimentos, quando apresentados nos resultados, foram identificados pelo termo “Usuário” e o respectivo número relativo à ordem da entrevista (Ex: Usuário 1 (...) Usuário 7).

O estudo obteve-se a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com o parecer nº. 929.715 e, respeitou-se ainda os aspectos éticos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.¹⁵ Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS

Dos setes participantes da pesquisa, todos eram do sexo masculino, com faixa etária entre 20 e 59 anos de idade. Com relação ao estado civil, cinco eram solteiros e dois eram separados. No tocante ao grau de instrução, seis usuários possuíam ensino fundamental incompleto e um era analfabeto.

Quanto à religião, três eram católicos, três eram evangélicos e um não seguia nenhuma religião. No que diz respeito à ocupação, um era autônomo e seis estavam desempregados. No que concerne os aspectos emocionais e cognitivos, seis usuários relataram dificuldade para dormir, necessitando de medicações à noite.

As alucinações visuais e auditivas, estavam presentes no cotidiano de cinco participantes. Evidenciou-se a presença de tristeza entre cinco usuários pela ausência e/ou prejuízo nas relações afetivas, ao ponto que um deles revelou pensamentos e tentativas de suicídio relacionado a solidão e preocupação com a saúde.

As informações analisadas foram agrupadas em duas categorias, as quais serão apresentadas a seguir:

Descrevendo os encontros grupais com os usuários

Desenvolveram-se cinco encontros grupais com os usuários para abordagem de diferentes temáticas específicas: Pai; Tabagismo; Trabalho, Saúde e Drogas; Passeio na Casa do Capitão-Mor;

e Família, as quais foram mediadas por profissionais de saúde, incluindo enfermeira, psicóloga e terapeuta ocupacional.

Utilizou-se de atividades expressiva, educativa e recreativa para favorecer o desenvolvimento do momento e a construção coletiva de materiais que externassem as experiências sobre os temas trabalhados e, ao final a abertura de espaço para apresentação dos materiais elaborados e compartilhamento de depoimentos.

Durante os momentos dos encontros, alguns usuários apresentaram dificuldade para executar tarefas, déficit de atenção e absenteísmo no processo, no entanto, outros mostraram-se interessados, cooperativos e participativos.

Os encontros se revelaram como cenário para a troca de confidências, particularidades e intimidades entre os usuários. Deste modo, sensibilizados pelos temas abordados sobre a família, resgataram lembranças de vínculos parentais. Em espaço aberto para diálogos intersubjetivos sem relações assimétricas, apresentaram situações acerca do consumo de substâncias psicoativas, como no caso, o uso de tabaco em momentos de estresse e/ou quando ingeriam bebida alcoólica.

Em uma comunicação verbal e/ou não-verbal entre os colegas, realizaram-se reflexões sobre os (des)encontros de situações de vida implicados negativamente pela droga. Em outro espaço que não pertencia ao serviço de saúde, obtiveram uma formação de caráter cultural. Em total liberdade de expressar percepções, revelaram a existência de conflitos sob efeito de droga, além de reconhecerem comportamentos que prejudicavam os relacionamentos interpessoais, conforme observa-se no Anexo 1.

Significados dos encontros grupais para os usuários

Os encontros despertavam interesse de participar assiduamente e oportunizavam espaço em que os integrantes se sentiam acolhidos:

Eu acho ótimo, não gosto de faltar não. Me sinto muito bem. (Usuário 5)

Contribuíram no processo de ensino-aprendizagem, favorecendo a (re)construção de novas alternativas de comunicação e expressão:

Para mim eu acho importante. Eu aprendi a saber conversar, a me expressar a conversar sobre o que a gente tá sentindo. A gente vê, aprende e bota na mente e no coração da gente. (Usuário 4)

No compartilhamento de informações sobre aspectos pessoais, familiares e profissionais, amenizando tensões de situações ocultas e intrínsecas:

A gente fala da vida da gente, sobre a família, sobre um bocado de coisa boa, porque a gente desabafa um pouco da cabeça e conversa mais. (Usuário 6)

Na construção de conhecimento que se torna importante para a tomada de decisão livre de coerção externa por meio de atividades educativas à promoção da saúde:

Gosto das palestras sobre drogas, das conversas. Vou pra casa com o coração mais aliviado. (Usuário 5)

Na adesão de condutas profícuas frente a comportamentos deletérios, como, por exemplo, em se abster do consumo de substância psicoativa:

Às vezes eu tenho vontade de fazer besteira comigo, aqui e acolá [ali] aparece essa vontade, eu tenho insônia. O grupo ajudou a melhorar minha vida, esquecer, a deixar a bebida um pouco. (Usuário 7)

Em excelente recurso terapêutico para promover a coesão e o apoio e elevar a autoestima e a autoconfiança:

Me sinto bem maneirinho [calmo]. Bem bom, a mente fica boa, passa os sentimentos, eu melhoro, eu fico mais alegre. (Usuário 2)

No estabelecimento de vínculo afetivo entre profissional e paciente devido à promoção do cuidado:

Eu vejo amor aqui dos profissionais. Eu era rejeitado, eu ficava com aquela angústia dentro de mim. Poxa, ninguém gosta de mim. (Usuário 4)

DISCUSSÃO

As características dos usuários assemelham-se as de outros conforme evidenciam estudos nacionais¹⁶⁻¹⁸ e internacionais.^{3,19} A totalidade de usuários do sexo masculino pode estar relacionado as condições socioculturais de gênero e a maior exposição aos fatores de risco.¹⁹ A variação no quesito idade denota uma maior exposição da população associada a maior vulnerabilidade nestas faixas etárias.³ O predomínio de solteiros pode ser decorrente de perdas sociais implicadas pelo abuso de substâncias, desagregação familiar e prioridade da droga.¹⁷

O baixo grau de instrução representada pela maioria ratifica a ausência destes indivíduos no cenário escolar para uma formação cidadã, reforçando a ideia de que uso das drogas interfere negativamente no aprendizado e interesse pelas atividades escolares.¹⁷ O predomínio de usuários que se autodeclararam adeptos a alguma religião, revela a presença de vínculo com a religiosidade/espiritualidade e importante fator de proteção ao uso de drogas.¹⁸ O desemprego em quase todos os participantes, pode ser consequência do uso de drogas que compromete o desenvolvimento das atividades laborais.¹⁶

Embora todos estivessem em tratamento e abstinência de drogas, identificou-se problemas de aspectos emocionais e cognitivos que estavam afetando a saúde e o bem-estar dos participantes. A literatura especializada evidencia que usuários de álcool e/ou outras drogas são frequentemente acometidos por agravos orgânicos e psíquicos.²⁰ Cada droga produz diferentes efeitos psíquicos e físicos no organismo humano, podendo ser mais ou menos agravante, conforme um conjunto de variáveis relacionadas ao seu uso.¹⁴

Supõe-se que devido a abstinência de álcool e outras drogas, os usuários podem ter apresentado estado de alucinações visuais e auditivas em reação à ausência da substância psicoativa, a qual os indivíduos tornaram-se dependentes.²¹ A tristeza quanto a quebra de vínculos, os problemas com questões de saúde e o estado de solidão incidindo em tentativas de suicídio, são outros aspectos que estão bem presentes na vida de pessoas envolvidas no passado.^{14,20}

Isto, portanto, denota a importância das novas abordagens de cuidado aos usuários que superam o paradigma psicossocial e antimanicomial com enfoque para o sujeito.²² Entre as formas de promover o cuidado individual ou coletivo nos diferentes níveis de atenção à saúde, a tecnologia grupal tem se reportado como excelente ferramenta, ao oportunizar ao participante, como no caso o usuário, um espaço aberto para diálogo e escuta.

Verifica-se que as temáticas abordadas se remetiam em sua maioria a realidade dos usuários, fato este possível mediante levantamento prévio realizado, que se mostra como alternativa relevante para o desenvolvimento profícuo de atividades grupais.²³ Entende-se que apreender o espaço social, conhecendo histórias, bem como o modo como se relacionam com outros, permite conduzir práticas baseadas na situação real vivida pelo grupo.

Quando se trata de usuários, esta conduta preliminar viabiliza conhecer para intervir em situações reais que frequentemente envolvem danos. O principal problema de uso das drogas ainda é desagregação familiar. Inicialmente ocorrem os conflitos e, posteriormente o afastamento dos familiares. Somada ainda por prejuízos nas esferas materiais e produtivas devido à perda do emprego e agravada com consequências nocivas para à saúde.²⁴

Estes problemas intensificando cada vez mais a necessidade de solidificar a composição de uma equipe multiprofissional, a qual se tornou realidade a partir da Reforma Psiquiátrica brasileira que propôs um novo modelo de Atenção Psicossocial. Entre os profissionais de saúde que compõem a equipe mínima estabelecido pelo modelo vigente da atenção à saúde mental, constata-se que a categoria de Enfermagem, da Psicologia e da Terapia Ocupacional, se sobressaem no envolvimento das atividades grupais com usuários.²⁵

O uso desta abordagem em intervenções de saúde com usuários de droga fundamenta-se pelo enfoque decisivo na execução. Esta aproxima da realidade o sujeito, a fim de que se sintam à vontade e participe de forma espontânea, sem medo ou vergonha dos companheiros. No entanto, considerando as características singulares dos participantes e as peculiaridades das temáticas, tornou-se ainda necessário associar alternativas que fossem condizentes com as metas traçadas para alcançar os objetivos. Deste modo, as atividades expressivas, por exemplo, que foram utilizadas no estudo e são enfatizadas na literatura como estímulos,²⁶ oportunizaram a imersão e o protagonismo de todos os integrantes.

Contudo, embora se tenha a incorporação destas novas *práxis* conforme estabelece a Portaria nº 336, do Ministério da Saúde, ainda, se verifica nos serviços de saúde, à presença predominante do modelo biomédico, hegemônico e curativista focado na do-

ença, seja pela concepção da cura apenas por meio de fármacos ou pela oferta de grupos insuficientes.²⁷

Este cenário representando um descompasso entre o que de fato é realizado pelos profissionais no campo da saúde mental e o que regulamenta portarias, programas e políticas do Ministério da Saúde; tornando-se, portanto, um problema potencial ao tratamento ou a reabilitação. Conforme estudo realizado na farmácia do CAPSad, há uma forte influência da participação de usuários em grupos terapêuticos no abandono do tratamento e/ou de drogas.²⁶

Deste modo, reconhecesse que cuidado ao usuário deve ser contemplado por um modelo de atenção biopsicossocial que extrapole questões orgânicas e psíquicas para contextos (inter) subjetivos, envolvendo aspectos sensitivos e emocionais, que se fazem salutar em atividades promotoras de saúde.

Observa-se que estes momentos possibilitam de forma mútua o compartilhamento de saberes e/ou experiências. Em encontro sobre a figura paterna, os participantes recordaram e evocaram acontecimentos com a rede familiar. Por ser a família o alicerce da vida, esta tem papel fundamental na vida dos usuários.²⁴ Em função disso se faz necessário incluí-la nas discussões grupais para reconhecimento das relações estabelecidas.

O atendimento em grupo facilita que os participantes compartilhem situações vividas que, na maioria das vezes, assemelham-se com a realidade do outro, sem se sentirem oprimidos e coagidos. Dentre as quais, destacam-se questões relacionadas ao próprio do consumo de drogas em momentos de exaustação ou sob uso de bebida. Este achado corrobora com literatura, uma vez que, estudo comprovam o abuso elevado destas substâncias pela população mundial.³ Constatou-se que participantes com sintomatologia ansiosa usam de forma abusiva o tabaco ao contrário dos participantes sem sintomatologia que era apenas ocasional.

Nesse contexto, é evidente a importância destas discussões em atividades terapêuticas, para que os profissionais como os usuários e familiares reconheçam estes problemas como possíveis fragilidades que podem comprometer o tratamento e a reabilitação e, assim possam buscar por ações preventivas e eficazes que intervenham nestas situações potencializadoras.

Identificou-se que as atividades possibilitaram também reflexões sobre as situações pessoais afetadas negativamente pelo consumo de substâncias, pois é fato que o envolvimento com drogas, acarreta prejuízos em diferentes aspectos da vida.²⁴ Esta descoberta se traduz na capacidade autodestruição e, consequentemente de (re)construção com base em atitudes diferentes e adequadas. Estudo apresenta que usuários de um grupo após reconhecer os prejuízos, retrataram-os como motivação expressos em aprendizado e competência.²⁷

Considerando que a atenção biopsicossocial depende de uma série de outros determinantes que estão implicados na vida do ser humano, fez-se necessário para assegurar assistência de política não-institucionalizada, uma atividade externa junto dos usuários, reinserindo-os novamente no convívio social. Esta estratégia possibilitou a construção de conhecimento e a ressignificação do indivíduo na sociedade.¹¹

A Reforma Psiquiátrica preconiza que deve ser estimulado a estruturação e o fortalecimento da rede de atenção psicossocial centrada, associada à rede de serviços de saúde e sociais, que enfatize a reinserção social dos usuários. Contudo, ainda se evidencia adversidade na integração da família dos usuários nestas atividades. Estudo apresenta que os familiares têm o desejo de participar destes momentos, mas são barrados pela falta de ampliação das formas participativas.²⁸ Deste modo, ressalta-se que essa demanda reprimida deve ser motivo de preocupação, pois afeta a satisfação do familiar e do usuário no serviço.

Evidenciou-se ainda que por se encontrarem em total liberdade de expressão no grupo, os usuários se sentiram seguros para revelar sobre a existência desentendimentos os familiares. Este fato se dá em razão das drogas produzirem mudanças no grau de consciência, sistema sensorial e estado emocional.²⁴ As alterações causadas variam de acordo com as características da pessoa, de quem consome, da substância escolhida, da quantidade usada, da frequência e de circunstâncias. Deste modo, os familiares por estarem mais próximas dos usuários, na maioria das vezes, são os que mais sofrem.

Ademais, identifica-se que aspectos ligados a conflitos com família é motivação para o uso de substâncias psicoativas. Estudo sinaliza que usuários ao se perceberem contrariados, recorrem às drogas, como forma de punir os familiares ou para lidar com situações conflituosas.²⁹ Frente ao que se apresenta, ressalta-se que a família deve representar fator de proteção e não o contrário.

Este momento oportunizou também o reconhecimento dos usuários acerca das indumentárias que lesionam relacionamentos interpessoais. De fato, indivíduos envolvidos com drogas estão mais predispostos como autor ou vítima de situações de maus-tratos, agressividade e violência, contribuindo, em alguns casos, para a ruptura de laços afetivos.²⁴

Verificou-se, ainda, neste estudo uma avaliação positiva dos participantes no que diz respeito os encontros grupais desenvolvidos. Acredita-se que por grupo se comportar como ferramenta de cuidado com práticas humanizadas,¹¹ oportunizando aos usuários espaço de diálogos abertos e escutas,⁷ além de um clima de hospitalidade que desperta o interesse de participações.¹¹

Esta abordagem de cuidado que favorece a integração e interação entre todos os participantes, contribui no processo de aprendizagem e de crescimento pessoal,⁷ demandando a necessidade da incorporação de novas habilidades, de comunicação e de expressão,⁷ que se fazem importantes para a socialização nos espaços.¹¹

O encontro do eu com o(s) outro(s) ancorados no processo grupal perverso permite falar, chorar e conversar,¹¹ isto é, expressar sentimentos frente à vivência da dependência e dos problemas causados,⁷ sem medo de julgamentos, apresentando-se como um importante recurso terapêutico.¹¹

Por meio da troca destas questões e da oferta de outras informações, as situações ganham novos sentidos, auxiliando os usuários no enfrentamento do problema, atenuando o sofrimento e reduzindo a ansiedade. Possibilita-se ainda a percepção da realidade do que estão vivendo, através do conhecimento

de dados mais concretos sobre o problema⁷ e diminuição das fantasias a ele relacionadas, auxiliando-os no enfrentamento da crise vivenciada.¹¹

Além disso, percebe-se que pelo fato da centralidade do cuidado está direcionado ao usuário como sujeito social, há o reconhecimento da figura do profissional de saúde e o estabelecimento de vínculo entre pares.¹¹

CONCLUSÃO

A abordagem grupal configura-se como importante estratégia de assistência aos usuários de drogas. Esta apresenta-se como ferramenta a ser utilizada na produção do cuidado prestado, com vistas à realização de educação, promoção, prevenção, promoção e recuperação da saúde de indivíduos e grupos sociais.

Espera-se que os achados deste estudo se revelem como elementos para a produção do conhecimento tanto no que se refere ao campo da assistência como da pesquisa entre os profissionais de saúde, especialmente, aos enfermeiros que em seu processo de trabalho apresentam maior proximidade com os usuários e, por vezes, requerem tecnologias, por exemplo, a grupal como ferramenta potencializadora para assistência à saúde.

Salienta-se que a limitação deste estudo está circunscrita aos aspectos metodológicos adotados que não possibilitam a generalização das informações obtidas, no entanto, evidencia-se que os resultados apresentados são análogos ao cotidiano de outros cenários.

REFERÊNCIAS

1. Amarante P, Nunes MO. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. *Ciênc. Saúde Colet.* [Internet]. 2018 [acesso em 01 de dezembro 2019]; 23(6). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.07082018>
2. Ministério da Saúde (Brasil). Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). *Diário Oficial da União* 24 dez 2011; Secção 1.
3. United Nations Office on Drugs and Crime (WNOCD). *World Drug Report 2019.* [Internet]. 2019 [cited 2019 dec 01]. Available from: <https://wdr.unodc.org/wdr2019/>
4. Ministério da Saúde (Brasil). Fundação Oswaldo Cruz. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnologia em Saúde. III Levantamento Nacional sobre o uso de Drogas pela População Brasileira [Internet]. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; 2017 [acesso em 01 de dezembro 2019]. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614>
5. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (Brasil). II Levantamento

- Nacional de Álcool e Drogas [Internet]. São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas; 2014 [acesso em 01 de dezembro 2019]. Disponível em: <https://inp.ad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf>
6. Santos FF, Ferla AA. Saúde mental e atenção básica no cuidado aos usuários de álcool e outras drogas. *Interface (Botucatu, Online)*. [Internet]. 2017 [acesso em 01 de dezembro 2019]; 21(63). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0270>
 7. Nasi C, Oliveira GC, Lacchini AJB, Schneider JF, Pinho LB. Tecnologias de cuidado em saúde mental para o atendimento ao usuário de crack. *Rev. gaúch. enferm.* [Internet]. 2015 [acesso em 02 de dezembro 2019]; 36(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2015.01.45934>
 8. Abreu AMM, Parreira PMSD, Souza MHN, Barroso TMMDA. Perfil do consumo de substâncias psicoativas e sua relação com as características sociodemográficas: uma contribuição para intervenção breve na atenção primária à saúde, Rio de Janeiro, Brasil. *Texto & contexto enferm.* [Internet]. 2016 [acesso em 03 de dezembro 2019]; 25(4). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072016001450015>
 9. Nascimento TM, Galindo WCM. Grupo Operativo em Centros de Atenção Psicossocial na opinião de psicólogas. *Pesqui. prá. psicossociais*. [Internet]. 2017 [acesso em 14 de agosto 2020]; 12(2). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200013
 10. Arantes DJ, Picasso R, Silva EA. Grupos psicoeducativos com familiares dos usuários de um Centro de Atenção Psicossocial. *Pesqui. prá. psicossociais*. [Internet]. 2019 [acesso em 14 de agosto 2020]; 14(2). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082019000200006
 11. Alvarez SQ, Gomes GC, Oliveira AMN, Xavier DM. Grupo de apoio/suporte como estratégia de cuidado: importância para familiares de usuários de drogas. *Rev. gaúch. enferm.* [Internet]. 2012 [acesso em 07 de dezembro 2019]; 33(2). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472012000200015>
 12. Thiollent M. *Pesquisa-Ação nas Organizações*. São Paulo: Atlas, 1997.
 13. Soares AN, Silveira APO, Silveira BV, Vieira JS, Souza LCBA, Alexandre LR, et al. O diário de campo utilizado como estratégia de ensino e instrumento de análise do trabalho da enfermagem. *Rev. eletrônica enferm.* [Internet]. 2011 [acesso em 07 de dezembro 2019]; 13(4). Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/10415/10219>
 14. Minayo MCS, Costa AP. *Técnicas que fazem uso da palavra, do olhar e da empatia – pesquisa qualitativa em ação*. Portugal: Ludomedia; 2019.
 15. Ministério da Saúde (Brasil). Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº. 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. *Diário Oficial da União* 13 jun 2013; Secção 1.
 16. Reis LM, Uchimura TT, Oliveira MLF. Perfil socioeconômico e demográfico em uma comunidade vulnerável ao uso de drogas de abuso. *Acta Paul. Enferm. (Online)*. [Internet]. 2013 [acesso em 08 de dezembro de 2019]; 26(3). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002013000300012>
 17. Oliveira EM, Moreira RM, Oliveira LS, Olímpio ACS, Silva RWS, Pereira PJA. O cuidado multiprofissional na prevenção de internações relacionadas ao uso de Crack. *Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)*. [Internet]. 2019 [acesso em 09 de dezembro 2019]; 11(5). Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i5.1293-1299>
 18. Oliveira ALCB, Feitosa CDA, Santos AG, Lima LAA, Fernandes MA, Monteiro CFS. Espiritualidade e religiosidade no contexto do uso abusivo de drogas. *Rev Rene (Online)*. [Internet]. 2017 [acesso em 09 de dezembro 2019]; 18(2). Disponível em: <https://doi.org/10.15253/2175-6783.2017000200019>
 19. Ozuna MS, Candia JS, Alonso MM, López KS, Guzmán FR. Factors in the Transition from Legal to Illicit Drug Use in Young Adults from Northern Mexico. *Invest. educ. enferm.* [Internet]. 2019 [cited 2019 dec 09]; 37(3). Available from: <http://dx.doi.org/10.17533/udea.iee.v37n3e11>
 20. Paula ML, Jorge MSB, Albuquerque RA, Queiroz LM. Usuário de crack em situações de tratamento: experiências, significados e sentidos. *Saúde Soc.* [Internet]. 2014 [acesso em 14 de dezembro 2019]; 23(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000100009>
 21. Ministério da Saúde (Brasil). Estado de Santa Catarina. Rede de Atenção Psicossocial. Transtornos de substâncias psicoativas: protocolo de acolhimento. [Internet]. Santa Catarina: Secretaria do Estado; 2015 [acesso em 15 de agosto 2020]. Disponível em: <https://www.saude.sc.gov.br/index.php/documentos/atencao-basica/saude-mental/protocolos-da-raps/9195-substancias-psicoativas-acolhimento/file>
 22. Paranhos-Passos F, Aires S. Reinserção social de portadores de sofrimento psíquico: o olhar de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial. *Physis (Rio J.)*. [Internet]. 2013 [acesso em 16 de dezembro 2019]; 23(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312013000100002>
 23. Dourado JVL, Ponte HMS, Aguiar FAR, Aragão AEA, Ferreira Junior AR. Educação sexual com adolescentes escolares: relato de experiência. *Ciênc. cuid. saúde*. [Internet]. 2018 [acesso em 20 de dezembro 2019]; 17(1). Disponível em: <https://doi.org/10.4025/ciencucidsaude.v17i1.35211>
 24. Frota GAS, Martins KMC, Dourado JVL, Aguiar FAR, Gurgel Júnior FF. Experiência de usuários acerca do uso de drogas. *Rev. bras. promoç. saúde (Impr.)*. [Internet].

- 2018 [acesso em 01 de março 2020]; 31(3). Disponível em: <https://doi.org/10.5020/18061230.2018.7868>
25. Cassol PB, Terra MG, Mostardeiro SCTS, Gonçalves MO, Pinheiro UMS. Tratamento em um grupo operativo em saúde: percepção dos usuários de álcool e outras drogas. *Rev. gaúch. enferm.* [Internet]. 2012 [acesso em 04 de janeiro 2020]; 33(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472012000100018>
26. Fonseca FN, Gondim APS, Fonteles MMF. Influência dos grupos terapêuticos em Centro de Atenção Psicossocial entre usuários com dependência de cocaína/crack. *Saúde debate.* [Internet]. 2014 [acesso em 14 de janeiro 2020]; 38(102). Disponível em: <https://doi.org/10.5935/0103-1104.20140051>
27. Vasconcelos SC, Frazão IS, Ramos VP. Grupo terapêutico educação em saúde: subsídios para a promoção do autocuidado de usuários de substâncias psicoativas. *Cogitare enferm.* [Internet]. 2012 [acesso em 22 de janeiro 2020]; 17(3). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v17i3.25961>
28. Azevedo DM, Miranda FAN. Práticas profissionais e tratamento ofertado nos CAPSad do município de Natal-RN: com a palavra a família. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm.* [Internet]. 2010 [acesso em 14 de fevereiro 2020]; 14(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452010000100009>
29. Paula ML, Jorge MSB, Vasconcelos MGF. Desafios no cuidado familiar aos adolescentes usuários de crack. *Physis (Rio J.).* [Internet]. 2019 [acesso em 13 de fevereiro 2020]; 29(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-73312019290114>

Anexo 1 – Descrição das atividades desenvolvidas em grupo com os usuários. Sobral, Ceará, Brasil, 2015

Encontro	Tema	Facilitador	Atividade	Metodologia	Percepção Da pesquisadora	Percepção dos usuários
2º Encontro	Pai	Terapeuta Ocupacional da Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Enfermeira do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas.	Expressiva	Disponibilizou-se aos participantes revistas, tesouras, colas, canetas coloridas e cartolinas e, posteriormente solicitou-se a construção de materiais ilustrativos que retratassem a palavra pai. Ao final, discutiu-se acerca dos materiais elaborados e dos sentimentos despertados no encontro.	Os participantes apresentaram dificuldades para compreender e executar a atividade devido ao déficit cognitivo.	Os usuários revelaram satisfação em participar da atividade expressiva e de resgatar lembranças de aspectos familiares.
3º Encontro	Tabagismo	Terapeuta Ocupacional, Psicóloga e Enfermeira da Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Enfermeira do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas.	Educativa	Apresentou-se vídeo educativo acerca dos malefícios do consumo de tabaco e, posteriormente realizou-se uma reflexão crítica acerca do material e discussão sobre experiências dos usuários com o tabagismo.	Alguns usuários apresentaram dificuldade de atenção, solicitando sair do espaço para a ingestão de água e o uso do banheiro.	Os participantes relataram contentamento com o vídeo educativo disponibilizado e revelaram o uso do tabaco em momentos de estresse e/ou quando ingerem bebida alcoólica.
4º Encontro	Trabalho, Saúde e Drogas	Terapeuta Ocupacional e Enfermeira da Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Enfermeira do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas.	Expressiva	Realizou-se discussão sobre as temáticas Trabalho, Saúde e Drogas, viabilizando o compartilhamento de vivências e a motivação de novos ideais. Entregou-se tesouras, cola, lápis de cor e carinha em branco e, solicitou-se que os participantes desenhassem no material como se sentiam naquele momento. Ao final, abriu-se espaço para diálogo acerca das emoções geradas no momento.	Os usuários mostraram-se atentos e participativos no encontro. Contudo, expressaram em seus discursos desconhecimento quanto aspectos relativos das temáticas.	Os participantes expuseram satisfação com a atividade desenvolvida e reflexões do des (encontro) de situações pessoais de vida.
5º Encontro	Passeio à Casa do Capitão-Mor/ Sobral-CE	Terapeuta Ocupacional, Enfermeira e Psicóloga da Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Enfermeira do Centro de Atenção Psicossocial.	Lazer	Transportou-se os usuários do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas para a Casa do Capitão-Mor. No local, obteve-se informações de abordagem histórica acerca do espaço. Após a visita, retornou-se CAPS AD e conversou-se com os participantes sobre a experiência do passeio.	Os usuários permaneceram-se interessados durante o passeio e atentos às explicações da guia.	Os integrantes manifestaram-se satisfeitos por conhecer o espaço e destacaram a importância de conhecer os locais e as histórias.
6º Encontro	Família	Terapeuta Ocupacional da Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Enfermeira do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas.	Expressiva	Distribuiu-se cartolinas, tesouras e lápis coloridos para os participantes e, posteriormente solicitou-se a construção de painéis acerca da representatividade de suas famílias. No final, realizou-se apresentação dos materiais elaborados e discussões sobre a vivência dos usuários com seus familiares.	A maioria dos participantes apresentaram-se calmos e cooperativos no encontro. Evidenciou-se a relevância da família como suporte de apoio ao usuário de drogas.	Os usuários referiram a existência de conflitos com seus familiares quando estão sob efeito de droga. Demonstraram satisfação com a atividades realizadas, tendo em vista, o reconhecimento de comportamentos que prejudicam o relacionamento interpessoal com os seus familiares.

Fonte: autoria própria (2015).